

OS POLÍTICOS DO AMANHÃ

LÍDERES DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL JOVEM MOSTRAM-SE APREENSIVOS QUANTO AO ATUAL ESTADO DO PAÍS E ÀS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Claúdio Silva (17), Beatriz Coutinho (17), Leonor Trindade (16) e Alice Santos (16) são os líderes da Assembleia Municipal Jovem (AMJ) que, juntamente com os restantes 32 membros, foram empossados para exercer o mandato 2023/2024, no passado dia 21 de fevereiro, no Fórum Municipal. Representam, respetivamente, os agrupamentos de escolas (AE) Dr. Serafim Leite, João da Silva Correia e Oliveira Júnior e ainda o CEI - Centro de Educação Integral.

Nada é certo. Só o presente. Mas, a julgar pelo que partilharam com o **labor**, o futuro destes quatro jovens que estudam em S. João da Madeira (SJM) dificilmente não passará pela política. Todos disseram que se interessam por política. E também todos se mostraram preocupados com a instabilidade a este nível que atualmente se vive no país. Podemos, pois, estar perante alguns dos políticos do Amanhã.

“NUM MOMENTO EM QUE AS IDEIAS INTOLERANTES E O CRESCIMENTO DOS EXTREMOS [POLÍTICOS] ESTÃO A AUMENTAR, HÁ NECESSIDADE DE LUTAR PELA DEMOCRACIA”

Não se identificando com o que está a acontecer, e que levou à convocação de eleições legislativas antecipadas, querem que as coisas mudem. Para melhor! “Está na hora de agir e lutar pela mudança”, defendeu Leonor Trindade, porta-voz do AE Oliveira Júnior na AMJ. “Num momento em que as ideias intolerantes e o crescimento dos extremos [políticos] estão a aumentar, há necessidade de lutar pela democracia”, deixou bem vincado.

Já Beatriz Coutinho, do AE João da Silva Correia, admitiu estar “apreensiva” relativamente ao próximo ato eleitoral. A aluna do 12º ano de Humanidades - que gostaria de ser advogada e trabalhar na área dos direitos humanos, em organizações internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) - só espera que “os partidos se entendam de forma a garantir uma maioria de deputados no Parlamento”. Em seu entender, Portugal não está bem representado do ponto de vista político, “porque muitos dos deputados eleitos colocam os seus interesses e os do partido acima dos das pessoas que representam, e nem sempre as suas ações coincidem com o melhor para o nosso país”.

Alice Santos é da mesma opinião, considerando, também, que os portugueses não estão bem representados na Casa da Democracia.

Esta jovem angolana, natural de Luanda e a viver em Portugal desde setembro de 2023, reconheceu ao nosso jornal que “há um esforço para que isso aconteça, mas na situação em que o país está sinto que o esforço podia ser muito maior”. “Portugal está numa situação muito delicada”, sublinhou.

Residente em Nogueira do Cravo (concelho de Oliveira de Azeméis), Alice Santos frequenta o 11º ano de Humanidades no CEI. Ainda não sabe muito bem o que quer ser profissionalmente. O mais provável é tirar o curso de Direito, mas também tem interesse em áreas como engenharia, psicologia, arquitetura e até medicina dentária. E, por isso, conforme contou à nossa reportagem, “mesmo estando em Humanidades, tenho aulas de disciplinas do curso de Ciências, fora da escola, caso possa precisar de um exame dessas disciplinas como prova de ingresso no futuro”.

Também gosta de política, principalmente a que diz respeito ao seu país de origem. Este seu gosto surgiu por influência dos pais, com ligações ao ramo político. E não está fora de questão “futuramente vir a exercer uma profissão relacionada com isso”.

“O POVO QUER QUE A SITUAÇÃO MUDE NO NOSSO PAÍS, MAS NÃO SABE EM QUEM VOTAR”

Claúdio Silva está no 12º ano e a tirar o Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias na “Serafim Leite”. Já quis ser polícia, militar, piloto, engenheiro, etc.. Atualmente está “indeciso” entre dois cursos: Solicitadoria e Administração Pública. E no futuro vê-se igualmente “bastante ligado à política” e até fazendo parte de algum partido, que ainda não sabe qual é. “Tenho de pensar bastante, antes de tomar uma decisão”, confidenciou.

Por enquanto, limita-se a fazer o que está ao seu alcance como, por exemplo, participar na AMJ. Apesar da “descrença [dos portugueses] em relação aos políticos” que prometem muito e fazem pouco, situação que se traduz “numa elevada percentagem de abstenção” e “da corrupção e do amiguismo, infelizmente, já bem enraizados nos partidos políticos portugueses (principalmente nos maiores)”, Claúdio Silva acredita que “tudo isso possa ser revertido com o aparecimento de mais jovens na política, dispostos a mudar o ‘sistema’”.

“Neste momento, o povo quer que a situação mude no nosso país, mas não sabe em quem votar, tendo de decidir não qual o melhor entre os melhores partidos, mas o melhor entre os piores... e é triste!”, lamentou o estudante

que nasceu em Santa Maria da Feira e presentemente vive em Ovar.

JOVENS UNIDOS EM DEFESA DA PAZ, DOS DIREITOS HUMANOS E... DA DEMOCRACIA

Direcionada a estudantes de SJM, do 4º ao 12º ano de escolaridade, a AMJ, cujo início remonta a 2018, é uma iniciativa da Assembleia Municipal (AM), em articulação com a câmara e as escolas do concelho, visando a promoção do papel cívico e intervenção social de crianças e jovens.

O tema deste ano letivo é “O nosso ALERTA e a nossa ação pela PAZ e pelos DIREITOS HUMANOS”. As listas vencedoras e as respetivas propostas podem ser consultadas no site do Município (www.cm-sjm.pt).

Por falar em propostas, as mesmas vão ser apresentadas, discutidas e votadas nas próximas sessões da AMJ (ver caixa). As medidas vencedoras serão posteriormente implementadas pelo executivo municipal. Segundo a presidente da AM, Clara Reis, “assim se faz política e se ensina que este é um trabalho digno e útil para a construção e preservação da democracia”.

Claúdio Silva, Beatriz Coutinho, Leonor Trindade e Alice Santos participaram na sessão de tomada de posse, marcada por intervenções de alunos em representação de comunidades estrangeiras da cidade.

“Sentimos bem o orgulho com que abrihantaram as suas intervenções e, com esta partilha, saímos todos enriquecidos nos vários níveis do nosso ser: humano e cultural. Ficámos a saber mais sobre Afeganistão, Bielorrússia, Brasil, Panamá e Colômbia e certificámo-nos que a diferença engrandece e não diminui”, afirmou Clara Reis em declarações ao **labor** à margem desta primeira reunião da AMJ.

Beatriz Coutinho vive e estuda em SJM. Nos seus tempos livres, lê, cozinha, convive com os amigos e faz voluntariado. Foram a professora de História e o diretor de turma que lhe falaram sobre a AMJ. Achou a ideia “interessante”, tal como já tinha achado o Parlamento dos Jovens no qual tinha participado no 11º ano.

Está a participar pela primeira vez na AMJ. E fá-lo por - como justificou - “saber que posso fazer a diferença, uma vez que as medidas escolhidas podem mudar a cidade para melhor. Para não falar na preparação que me dá para o futuro”.

Na sua ótica, o tema escolhido para esta edição “é de extrema urgência” e “bastante importante”. Ao longo da história, tem-se visto

“quase todo o tipo de atrocidades” contra a paz e os direitos humanos. E, assim sendo, conforme frisou, “devemos sempre lembrar-nos de como devemos ter um papel ativo na manutenção destas conquistas”.

Contrariamente a Beatriz Coutinho, Claúdio Silva não é um estreado. Ficou a saber do projeto a partir da professora de Português, Dina Sarabando. Esta é a segunda vez que participa (a primeira foi no ano letivo anterior e como suplente). E o que levou a fazê-lo novamente foi “a vontade de querer debater medidas, a fim de nós, jovens, melhorarmos o nosso município e, por inerência, o nosso distrito”.

O jovem concorda com a escolha do tema: “É atual e, tendo em conta as atuais mudanças sociais, deve ser discutido”. No entanto, é de opinião que “outros temas, igualmente ou mais importantes, também pudessem ser debatidos”.

“SEI QUE QUERO TER VOZ E DAR VOZ ÀQUELES QUE NÃO A TÊM”

Leonor Trindade reside em Nogueira do Cravo, mas é em SJM que passa a maior parte do tempo. É também na “Cidade do Labor”, concretamente na “Oliveira Júnior”, que frequenta o Curso de Línguas e Humanidades.

Tem como objetivo ser “poliglota” e pensa fazer o curso de Relações Internacionais ou Direito. “Sei que quero ter voz e dar voz àqueles que não a têm. Com isso, percebi que apenas seria verdadeiramente feliz e concretizada em profissões relacionadas com a política internacional, diplomacia, organizações inter-governamentais como a ONU ou o Parlamento Europeu”, contou ao nosso semanário.

Neste momento, para além da AMJ, da qual teve conhecimento através da professora de História, Rosa Lima, está envolvida em outras iniciativas “como o Parlamento dos Jovens, Euroescola e tenho tido ativa participação na política municipal”. Recentemente, tornou-se militante da Juventude Socialista.

No ano passado formou uma lista para a AMJ, mas não ganhou. Em 2023/2024 foi diferente, estando “bastante satisfeita” por poder “finalmente levar algumas propostas [à AMJ] para melhorar SJM”.

“A AMJ é um dos inícios desta minha jornada no mundo político e uma ótima oportunidade de me preparar para o futuro”, disse Leonor Trindade, para quem “o tema nunca foi tão pertinente”. Por estar próxima mais uma comemoração do 25 de Abril, que em 2024 completa 50 anos. E, de igual modo, porque “num momento em que assistimos a conflitos e guerras, a nossa ação pela paz e pelo bem-es-

tar dos povos' nunca foi tão importante e crucial para a evolução da humanidade", completou.

Alinhando pelo mesmo diapasão, Alice Santos referiu ao **labor** que a temática vem mesmo a calhar, devido "às várias guerras e à situação política de vários países à volta do globo". "É bom levar estes ideais a mais pessoas, ajudando e acolhendo quem precisa", considerou a aluna do CEI que se está a estreir na AMJ.

AMJ PARTICIPARÁ NAS CELEBRAÇÕES DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

De acordo com Clara Reis, que sabe bem o que era viver antes do 25 de Abril "sem liberdade de ação ou expressão", "a História ensina-nos (apenas a alguns, infelizmente) que os ciclos se repetem e depende da nossa ação evitar erros maiores, causadores de danos físicos e morais irreparáveis no decorrer dos tempos". Daí considerar "tão importante este projeto da Assembleia Municipal, abraçado e apoiado por todo o executivo da nossa câmara", assim como pelos professores, que, a seu ver, "nunca nos falham nesta missão".

Mesmo fora do país, na Letónia, em representação do Congresso dos Poderes Locais e Regionais do Conselho da Europa, Jorge Sequeira fez questão de dirigir uma mensagem aos deputados municipais jovens recém-empossados.

"A democracia local sai fortalecida com o vosso empenho, com as vossas ideias, com as vossas críticas. E nós vamos levá-las muito a sério", começou por dizer o autarca, prosseguindo: "São eleitos num ano muito especial, num ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril", revolução que "trouxe a liberdade a Portugal".

"É, portanto, um privilégio, penso eu, ser-se membro desta AMJ nos 50 anos do 25 de Abril", sublinhou o edil, adiantando ainda que "iremos preparar um conjunto de celebrações deste ato em que estareis envolvidos".

O **labor** solicitou declarações e fotografias a todos os líderes da AMJ. Todos concordaram, exceto Alice Santos que recusou a publicação da foto. O nosso jornal respeitou a vontade da aluna, tendo publicado apenas as suas declarações.

GISÉLIA NUNES
giselianunes@labor.pt

PRÓXIMAS SESSÕES DA AMJ

1ª Assembleia | 6 de março | 14h30

2ª Assembleia | 8 de maio | 14h30

PARA MIM, A ASSEMBLEIA MUNICIPAL JOVEM É ...

"A criação da AMJ, por parte da câmara e da assembleia municipais, foi uma ideia incrível. É um projeto que não havia em Santa Maria da Feira nem em Ovar e que, realmente, marca a diferença quanto ao progresso da cidade, pois muitas medidas criadas por nós, ao longo dos anos, foram implementadas, tendo contribuído para que S. João da Madeira seja, hoje, um lugar melhor para todos. A AMJ dá voz aos mais jovens, ajuda a cidade e envolve os estudantes numa espécie de vida política, a partir de debates, apresentações, processos eleitorais, votações e visitas culturais. Se o mesmo projeto fosse levado a cabo por todas as assembleias e câmaras municipais do nosso país, talvez Portugal não estivesse no estado em que está atualmente".

Cláudio Silva, porta-voz do AE Dr. Serafim Leite



"É uma iniciativa que beneficia o grupo estudantil ao dar-lhe a oportunidade de se envolver mais ativamente em atividades de teor importante e urgente. Também nos ajuda pelo facto de nos dar a possibilidade de viajar e conhecer locais como o Parlamento Europeu; a desenvolver habilidades comunicativas; e mostra-nos ainda que a nossa opinião é valorizada e tratada com seriedade".

Beatriz Coutinho, porta-voz do AE João da Silva Correia



"A AMJ é uma iniciativa muito enriquecedora. Para além de uma simulação política, é um projeto que permite conhecer outras pessoas, fazer amizades, debater ideias e opiniões. De modo geral, a AMJ é um espaço dos jovens e para jovens. O princípio da nossa jornada pela luta da mudança!".

Leonor Trindade, porta-voz do AE Oliveira Júnior



"Desde que ouvi falar sobre o projeto foi algo que me despertou muito interesse. A AMJ ajuda os jovens a estarem mais envolvidos politicamente, criar sinergias no modo de pensar e agir e pensar mais no próximo e no que nos rodeia. Acho que é uma grande vantagem para os jovens ter desde cedo esta experiência".

Alice Santos, porta-voz do CEI

A LAIDINHA

A Laidinha veio ao mundo nos arredores de Paris, filha de emigrantes portugueses. Nasceu sem vislumbre de futuro, como toda a gente. Mas, na sua cabecita, o futuro foi-se acoitando, calmo e decidido. Seria cabeleireira.

Por volta dos vinte anos, já os cabelos se enrolavam e desenrolavam habilmente nos seus dedos. Arranjou um namorico com guita, que tinha um Porsche. Não dava uma para a caixa, mas roncava de Porsche de manhã à noite. Só queria marmelada, mas a Laidinha virou a tigela e deu um pontapé na marmelada. Nunca mais se encostou a um homem. A mãe até dizia que ela parecia que nem tinha vontades de mulher.

Um dia... apaixonou-se por um velho. Um velho a quem cortava o cabelo e arranjava as unhas. Um senhor. Não era feio, era muito simpático, professor de astronomia, não tinha família e contava coisas muito bonitas! Falava-lhe de tudo aquilo que ela não sabia e nunca sonhara: poesia, arte, música, coisas do Universo.

Um dia, levada por um impulso das entranhas, espetou-lhe um beijo na testa. Outro dia, depôs-lhe docemente um beijo nos lábios. Viveram juntos durante dez anos. Dez anos de felicidade.

O velho morreu. A casa, o telescópio, a biblioteca e uma pequena fortuna ficaram para a Laidinha.

Um dia, a Laidinha resolveu vir a Portugal visitar a terra natal dos



FOTO: DIREITOS RESERVADOS

país. Ela adorava o mar e ficou por cá. Comprou uma casa, mandou vir os livros e o telescópio. Escreveu um livro de poemas e pintou uma dezena de quadros.

Depois de uma penosa gravidez teve uma filha, ninguém sabe de quem. Um dia escarrou sangue. O cardiologista diagnosticou uma estenose mitral severa. Foi operada e depois reoperada.

Dois anos depois morreu com cancro da mama e sem ponta de cabelo onde enrolar a saudade dos seus dedos. Tinha quarenta e dois anos e chamava-se Adelaide.



ADÃO CRUZ

UM ARREPIOZINHO DE ORGULHO

Na ternura da companhia de três amigas do coração, assisti, no dia 27 de Fevereiro, ao concerto do meu sobrinho Manel Cruz, na icónica Casa da Música da Cidade do Porto. A sala Guilhermina Suggia, onde a contemporaneidade se casa com a beleza da talha dourada, encheu-se por completo. Ali, mais de um milhar de pessoas, essencialmente gente nova, mas também de outras idades, aguardava o início do espectáculo. Confesso que senti uma pontinha de ansiedade ao imaginá-lo tão tenso e temeroso, quando criança. A voz do sangue leva-nos a esta empatia solidária.

Foi uma actuação a solo, bem diferente daquelas a que nos habituou. Um concerto muito intimista. No palco, duas guitarras, um ukulele, uma harmónica de beijos e a voz inconfundível de uma figura franzina. Por trás, um cenário minimalista, mantendo o

essencial, mudando pouco de forma e de cores. Nuanças ténues que eu interpretei, na minha débil capacidade musical, como singelo adorno das letras feitas de uma força poética rara. Sou ignorante na construção e execução da música, mas sinto-a no seu alcance estético e universal. E senti-a dessa forma, em toda a sua universalidade.

Quando, no final, toda aquela assistência, na sua postura sempre culta e sóbria, apesar do enorme entusiasmo, se levantou numa ovação plena, confesso que senti um arrepiozinho de orgulho.



EVA CRUZ